



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **28/07/2018**

Aprovado em: **29/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.13.20>

O Currículo de uma escola do campo no Município de Tanque d'Arca-AL □ vivências e realidades

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

ROSINEIDE SANTOS COSTA, RUBIA MARA DE SOUSA LAPA CUNHA

## RESUMO

Este artigo resulta de um recorte de uma pesquisa de mestrado que investigou o Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): avanço metodológico na prática dos Professores Alfabetizadores do município de Tanque d'Arca –AL, realizada nos anos de 2015 e 2016. Partindo de uma metodologia qualitativa, com uma abordagem de estudo de caso buscamos compreender a relevância do programa no município enquanto instrumento de contribuição do processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, recorremos a narrativa de uma professora de uma escola do campo numa sala multisseriada, abordando suas dificuldades e estratégias valorizando e respeitando a cultura e os saberes pertinentes aos alunos camponeses.

**Palavras-chave:** PNAIC. Currículo. Aprendizagem. Escola do campo.

## ABSTRACT

This paper is a result of a master's research that investigated the "Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)": methodological progress in the practice of Literacy Teachers of the municipality of Tanque d'Arca -AL, developed between 2015 and 2016. Starting from a qualitative methodology, with a case study approach, we sought to understand the relevance of the program in the municipality as an instrument of contribution for the teaching and learning process. In view of this, we resorted to the narrative of a teacher from a rural school in a class with students from several school grades, approaching its difficulties and strategies, valuing and respecting the culture and the pertinent knowledge of the students from rural schools.

Keywords: PNAIC. Curriculum. Learning. Rural School.

## RESUMEN

Este artículo es resultante de una maestría que investigó el "Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)": avance metodológico en la práctica de los Profesores Alfabetizadores del municipio de Tanque d'Arca - AL, realizada en los años de 2015 y 2016. A partir de una metodología cualitativa, con el abordaje de estudio de caso, buscamos comprender la relevancia del programa en el municipio como instrumento de contribución del proceso de enseñanza y aprendizaje. Por eso, recurrimos a la narrativa de una profesora de una escuela del campo en una clase con distintos grados escolares, abordando sus dificultades y estrategias, además de valorar y respetar la cultura y los saberes pertinentes a los alumnos camponeses.

Palabras-clave: PNAIC. Programa escolar. Aprendizaje. Escuela del campo

Esse texto é o recorte de uma pesquisa realizada nos anos de 2015 e 2016 que teve como objetivo observar até que ponto o Programa Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) pode ser considerado uma ferramenta aplicável ao contexto escolar, melhorado a metodologia do professor minimizando as dificuldades nas práticas de alfabetização e letramento para garantir os direitos de aprendizagem das crianças.

A escola investigada é uma escola do campo, aqui denominada como Escola Laspilazuli[1], funciona nos turnos matutino e vespertino, localizada na zona rural, atendendo 71 alunos moradores de três sítios distintos, localidades que enfrentam grandes dificuldades sócio-econômicas. Boa parte dos alunos, utilizam o transporte escolar chegando até a escola transportados por ônibus e vans oferecidos pela Prefeitura Municipal de Tanque d'Arca-AL.

Diante de tantas dificuldades de uma escola do campo multisseriada, a sensação é impactante causada por paredes sujas, falta de espaço para brincadeiras, de uma biblioteca e a escassez de material escolar. No entanto, na observação do ambiente escolar, a sala de aula, em alguns

momentos as carteiras estavam organizadas em “U”; mas na maior parte do tempo, estavam organizadas em dupla, de acordo com as atividades que iam sendo trabalhadas. A professora organizava as atividades enfatizando o trabalho em dupla, pois defendia que as atividades em dupla favoreciam a interação social e a construção do conhecimento baseado na troca de experiências entre as crianças.

Os alunos já estavam tão adaptados a esta forma de organização de trabalho que quando a professora anunciava que ia fazer uma atividade em dupla, imediatamente eles convidavam um colega, organizavam as carteiras e ficavam a postos, esperando receber o material e a orientação da tarefa. Essa prática acontecia em segundos. Nos momentos em que as carteiras estavam dispostas em “U”, a professora aproveitava o espaço para atender os alunos com mais facilidade, circulando pela sala. Além disso, as crianças tinham uma visão melhor de todos que estavam presentes na sala de aula.

### **1. Educação do campo: desafios e perspectivas**

Historicamente, as políticas públicas brasileiras vem perpetuando uma dívida com a educação do campo. Este fato, tem desencadeado um problema muito grave ao tempo que tem escamoteado os direitos de aprendizagem das crianças e as condições de equidade entre as mesmas. Com tantas variantes regionais comuns de um país continental, continua-se desconsiderando toda diversidade característica e intrínseca daqueles que por direito devem viver com dignidade em seu lugar de origem. Assim sendo torna-se pertinente a fala de (SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 139):

Durante séculos, não houve a preocupação, por parte dos responsáveis pelo sistema do ensino público com o currículo escolar do campo, principalmente nos municípios afastados dos grandes centros urbanos, onde não havia escola. Esse fato, inviabilizava a possibilidade de se poder pensar uma escola do campo como um espaço de educação próprio para aqueles que vivem no e do campo.

As regiões Norte e Nordeste sofrem bastante com essa problemática e permanecem clamando por políticas públicas que constituam de fato mudanças curriculares pertinentes aos povos que vivem no campo e necessitam de atenção para lá permanecerem e a educação voltada para estes é um fator determinante para evitar também o êxido rural.

Não obstante e a todo custo a hegemonia dominante continua perpetuando o domínio sobre as condições de trabalho dos professores e o processo de aprendizagem dos alunos, sobretudo dos educadores e dos estudantes camponeses. Diante de uma crise econômica e educacional as reformas e as políticas públicas ecoam apenas no campo do discurso e conseqüentemente não desencadeiam mudanças efetivas mesmo quando estas são iniciadas são de características tipicamente urbanas e a realidade do campo por sua vez permanece relegada a uma condição de extremo abandono. Sobre isso torna-se pertinente ressaltar a ideia expressa nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo:

As propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade [...] contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia. (MEC, 2002, Art. 5º).

Enquanto as reformas significativas e efetivas não chegam outro problema vem somando grande dificuldade no contexto das escolas do campo, trata-se das classes multisseriadas que apesar de

parecer coisa do passado, ainda estão bem vivas no cotidiano de muitas escolas do campo das regiões Norte e Nordeste do país. Nestas classes agregam-se alunos de diferentes níveis de conhecimento e faixas etárias, com aulas ministradas por apenas um professor, que por sua vez não recebeu formação nem capacitação adequada para lidar com esta forma de (des)organização.

Basta dizer que a única política pública implementada pelo Estado brasileiro para as classes multisseriadas, em nível nacional, é o Projeto Escola Ativa, desenvolvido a partir do ano de 1997, mas que se configura como uma ação isolada e se alicerça numa concepção política e pedagógica que não tem resistido às inúmeras críticas que lhe tem sido direcionadas. (SANTOS; MOURA, 2010, p. 37).

Trata-se de uma realidade que denota um grande desafio enfrentado pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental que atuam em classes multisseriadas, pois não há políticas públicas para atender e embasar a prática do professor que se vê perdido e obrigado a adotar o modelo urbanocêntrico; este, por sua vez, desconsidera as peculiaridades da vida e da cultura dos alunos do campo. “Dessa forma, nesse modelo de escola, desde a pré-escola, os estudantes são preparados para os níveis posteriores de ensino, e a meta final é a inserção no mercado de trabalho, não importando os demais aspectos necessários a uma formação humana integral” (HAGE, 2009, p. 6).

As escolas multisseriadas, para atingirem o padrão de qualidade definido em nível nacional, necessitam de professores com formação pedagógica, inicial e continuada, instalações físicas e equipamentos adequados, materiais didáticos apropriados e supervisão pedagógica permanente. (BRASIL, 2008, art. 10).

Seguindo o exemplo dado acima, percebe-se que muitos professores do campo se veem obrigados a perpetuar uma ideologia dominante que, pelo visto, ainda vai demorar muito para ser transformada. Entretanto, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) defende que a escola deve abordar temas relevantes para as comunidades onde estão inseridas interagindo com seus espaços sócio-culturais de maneira contextualizada respeitando as especificidades da realidade do campo. Assim reflete essa questão:

Os territórios da Educação do Campo nos desafiam para construirmos as condições educacionais apropriadas para o desenvolvimento de um modo de vida em que a família, a terra, o alimento, a comunidade, a escola, o movimento, as pessoas, o trabalho estão acima da mercadoria. A mercadoria não vem em primeiro lugar, como no território de uma educação capitalizada. O espaço da vida é que nos move à solidariedade, às parcerias, ao companheirismo, ao comunitário e ao cooperativismo. A mercadoria será produto dessas relações, mas jamais será produto de relações sociais nos Territórios de Educação do Campo. Plantamos essas sementes nos campos dos desafios por entre a expropriação e a ocupação de terras. É desta luta ininterrupta de ser expropriado e à terra retornar que nasceu e está sendo criada, a cada dia, a Educação do Campo. É, portanto, do processo de destruição e recriação do campesinato que nasceu a Educação do Campo. (FERNANDES, 2012, p.15).

Neste sentido, o programa supracitado defende uma proposta curricular de cunho emancipatório e transformador, capaz de garantir os direitos de aprendizagem das crianças apostando nas potencialidades dos estudantes oriundos do campo e sobretudo estreitando e valorizando os vínculos das crianças com a comunidade onde vivem.

### **1. Escola do campo multisseriada: lugar de superação de limites**

Uma questão específica do contexto rural brasileiro diz respeito às turmas multisseriadas. Ainda que

a heterogeneidade e a diversidade estejam presentes também nas escolas urbanas, esses aspectos ficam mais evidentes e chamam mais atenção nas escolas do campo, por concentrarem, em um mesmo tempo e espaço, crianças bastantes diferenciadas no tocante à idade, tempo de escolarização, nível de escolarização, etc. Daí é comum que a multisseriação seja apontada como fator responsável pelo fracasso escolar nessas escolas. Em nossa perspectiva, dá-se o inverso; não é o fato de serem turmas multisseriadas que as faz serem de inferior qualidade, mas o fato de que se adota para estas turmas os modelos transplantados dos currículos urbanos, bem como as difíceis condições de trabalho unidocente dos educadores e a falta de adequações quanto aos espaços e à utilização dos tempos educativos. (BRASIL, 2012, p. 7).

A questão é que a baixa demografia do campo muitas vezes não oferece outra maneira de organização das turmas a não ser a multisseriada ou unidocência, pois os alunos precisam ter acesso e permanência na escola. A gravidade do problema está em conceber as classes multisseriadas como se elas fossem classes “regulares”.

Os saberes docentes dos professores de classes multisseriadas construídos cotidianamente nas suas salas de aulas, as suas histórias de vida etc. merecem ser mais bem investigadas para que se produza e sistematize um conhecimento acadêmico capaz de influenciar na formulação e desenvolvimento de políticas públicas (de formação de professores, de reformulação curricular, de produção de materiais didáticos etc.) que aperfeiçoem o trabalho desenvolvido nas classes multisseriadas. (SANTOS, 2010, p. 13).

Em Alagoas ainda é comum a existência de turmas multisseriadas; elas estão presentes principalmente em regiões de difícil acesso que têm uma demanda de alunos insuficiente para formar turmas de um único ano. É neste cenário caótico e excludente que vão se produzindo os estigmas da apatia, o afastamento de uma escola onde não se encontra sentido para alí continuar com êxito e alegria. É como se a escola fosse feita para outro tipo de sujeito com de fato foi pois não considerou os valores e a cultura do povo campesino.

Em contrapartida, apesar de todas as mazelas da educação e o descompasso existente as políticas públicas e as necessidades da escola do campo, muitos professores ainda resistem bravamente e conseguem escrever com seus alunos uma história diferente porque não se rendem a ideologia dominante, conforme observaremos nas práticas apresentadas a seguir.

### **1. Vivências e realidades no currículo de uma escola do campo no Município de Tanque d'Arca-AL**

As aulas que serão aqui explicitadas foram vivenciadas na escola denominada Lapislazuli. A sala de aula é multisseriada com o público alvo de alunos do 2º e do 3º ano do Ensino Fundamental na faixa etária de 7 a 10 anos de idade além de um aluno especial de 31 anos de idade. Como podemos observar, esta turma também enfrenta a problemática da distorção idade/série. Embora ainda sendo um número pequeno, de apenas quatro alunos fora de faixa etária, o fato não deixa de ser preocupante, até porque estas crianças[2] teem muita dificuldade de aprendizagem.

*A priori*, descreveremos a práxis pedagógica da professora numa aula de campo desenvolvida na comunidade onde os alunos estão inseridos. Na sala de aula, a professora orientou os alunos a respeito do trajeto, da coleta dos materiais que deveria ser feita e que os alunos não deveriam se afastar do grupo e nem colher frutas para comer durante o período do trabalho tendo em vista que a professora e os alunos tinham autorização dos proprietários das pequenas chácaras apenas para coletar as folhas caídas no chão.

**Aula 1** – 21 de setembro de 2016

**Conteúdos trabalhados:** a árvore e suas partes; leitura e escrita

**Gêneros explorados:** lista, vídeo, cartaz, problemas matemáticos

**13h** (Chegam os alunos com os pais, professores e funcionários da escola.)

**P[3]** – Boa tarde.

**FCA** – Boa tarde.

**P** – Gente, hoje é o dia de quê

**FCA** – Da árvore, professora.

**13h15 P** – Muito bem! Para trabalhar o Dia da Árvore, nós vamos ver o vídeo A Árvore Triste (três minutos de duração), que ressalta a importância da árvore para o meio ambiente e para o homem. Em seguida, vamos para a aula de campo, observar as árvores que existem na nossa realidade.

**13h30 P** – Gente, agora que já vimos o vídeo, vamos nos organizar em duplas para realizar o trabalho de campo. Vocês vão observar e registrar as árvores (e suas partes) encontradas pelo caminho e coletar folhas encontradas pelo chão. Todo mundo está com sua sacola plástica para coletar os diversos tipos de folhas

**FCA** – Sim, professora.

**FIA** – Nós não tem não, professora.

**P** – Tudo bem, vou conseguir uma pra vocês. Vamos ficar sempre em grupo, não se afastar da professora nem tirar as frutas das árvores das pessoas. Certo, gente

**FCA** – Certo, professora.

**P** – Então vamos. Prestem atenção, gente. O tronco, as folhas, as flores, os frutos, as raízes, a diversidade de árvores que temos aqui. Vejam: essa planta é a jurubeba; ela é usada para fazer chá, vinho, xarope, é uma planta medicinal. Olhem o sambacaitá, que serve para muitas doenças. Nossas avós usam muito essa planta. Observem as plaquinhas que vocês trouxeram com os nomes das árvores; quando vocês encontrarem cada árvore procurem a palavra de acordo com ela.

**FIA** – Professora, ali tem uma cobra pendurada no arame. Tá morta, alguém já matou.

**P** – Deixem lá, não mexam.

**FIA** – Olhe a goiabeira, professora. O nome goiabeira é esse aqui.

**P** – Certo. Muito bem! Olhem esta plantação de abacaxi e goiabeira. Vejam que a goiabeira e o abacaxi foram plantados intercalados. O proprietário usa mangueiras para irrigar o plantio. As goiabeiras são pequenas e já têm frutos. Que coisa linda! E os mamoeiros, como têm frutos. Que maravilha!

**FIA** – Professora, o J tirou uma goiaba.

**P** – O que conversamos na sala Não faça mais isso. Não viemos aqui para comer as frutas.

**15h P** – Vamos retornar à escola. O sol tá muito quente e tá na hora de lanche e descansar um pouco.

**15h30 P** – Agora vamos colocar as folhas no chão, separá-las, selecioná-las e classificá-las por espécie, e contá-las. Ah! vocês trouxeram palhas de cana-de-açúcar, vou

colocar um vídeo sobre a origem da cana-de-açúcar no Brasil, os primeiros engenhos, o processo artesanal e a importação do produto, até chegar os dias de hoje com as modernas usinas e fabricação de diversos produtos derivados da cana-de-açúcar. Este vídeo tem uma duração de três minutos. Quero que prestem atenção.

**16h P** – Vou distribuir esta tarefa pra vocês resolverem alguns problemas envolvendo a coleta de folhas que vocês fizeram na pesquisa de campo. Quantas folhas colheram A que árvore pertence essa folha Quem colheu mais folha, o J ou o K Quantas folhas os dois colheram no total Qual dupla colheu mais folhas Esse trabalho de campo foi difícil

**FIA** – Foi bom, professora.

**P** – O que mais chamou a atenção de vocês

**FIA** – A cobra.

**P** – Agora, quero que façam uma lista dos nomes das árvores ou plantas que encontraram no caminho. Façam em dupla, na mesma dupla que fizeram o trabalho no campo.

**16h25 P** – Vou colocar um vídeo que mostra dez benefícios da folha da goiabeira. Tem uma duração de aproximadamente três minutos. Fiquem atentos.

**P** – Vocês conhecem os benefícios da folha da goiabeira

**FIA** – Minha vó usa pra fazer chá.

**P** – Sua vó tem experiência e sabe a importância da folha de goiabeira. Este vídeo mostrou que a folha da goiabeira serve para muitos problemas de saúde, como diarreia, acne, alergia, infamações e até problema da próstata. Vocês sabiam de todas as informações que tinha no vídeo

**FIA** – De todas não, só que servia para diarreia.

**P** – Além das avós, suas mães também usam as folhas para fazer chás Vocês já tomaram o chá

**FIA** – A minha mãe já fez.

**FIA** – Eu já tomei, professora.

**P** – Se sentiu melhor quando tomou o chá

**FIA** – Sim, professora, e a diarreia parou mesmo.

**P** – E da fruta, vocês gostam

**FCA** – Sim.

**FIA** – Professora, eu gosto do suco e do doce que minha tia faz.

**P** – Que delícia!

**16h40** (Termina a aula.)

Na aula de campo, a professora Beta[4] chamou a atenção dos alunos para a observação de vários tipos de plantas, como o abacaxi, o maracujá, o sambacaitá, a jurubeba, e arguiu a respeito do uso dessas plantas em sucos e outros fins curativos e preventivos. Foi observado que explorar as plantas e suas partes na prática era um conhecimento muito próximo da vida das crianças, de todas; elas

tinham essa vivência de uma relação muito próxima com a natureza. Tinham o domínio do conhecimento pelo fato de as árvores e da vegetação fazerem parte do cotidiano de cada uma. As aulas apenas aproximaram as crianças das árvores de uma forma mais crítica, mostrando a importância fundamental para o equilíbrio do meio ambiente e para a qualidade de vida das pessoas.

O trajeto teve um percurso de aproximadamente 2 km debaixo de sol e à sombra de jaqueiras, mangueiras, oliveiras, laranjeiras, castanheiras, coqueiros, goiabeiras, mamoeiros, bananeiras, cajueiros, abacateiros e outras árvores como eucalipto e jambeiro. Nestas árvores eram feitas paradas para que os alunos fizessem comentários relacionados aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

As aulas de campo não são uma prática nova. Celestin Freinet já trabalhava com essa prática no século XX; esse tipo de aula era chamado de aula passeio ou passeio de viliatura. Seguramente, quando um discente observa seu contexto social e cultural de maneira crítica, os fenômenos lhe aparecem de outra maneira: mais nítidos, mais reais, sem máscaras, significativos.

Nesta aula, a interdisciplinaridade também foi muito enfatizada:

[...] A interdisciplinaridade se faz em torno de um processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, gerando a interação das disciplinas do currículo escolar não apenas entre si, mas, sobretudo, destas com a realidade, com vistas a superar a fragmentação e a formar integralmente os alunos. Somente desse modo os alunos poderão desenvolver os direitos de aprendizagem defendidos no PNAIC e exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global do mundo, e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA, 2015, p. 11)

A professora Beta conduziu muito bem o trabalho envolvendo a língua portuguesa na leitura e escrita das palavras, leitura de palavras nos vídeos, leitura de palavras das árvores que as crianças iam encontrando e procurando os nomes na pasta das palavras; a leitura, escrita e resolução de problemas envolvendo matemática e ciências na exploração dos diversos tipos de plantas e árvores, bem como sua utilização na medicina popular, além do cuidado com a preservação do meio ambiente.

Planejar e articular aula de campo para uma escola do campo de caráter multisseriado exige muita reflexão e compromisso por parte do professor sobretudo porque a aula de campo não deve morrer ali no *locos* da comunidade mas deve envolver diversos elementos que se conetam e definem outra formatação de trabalho pedagógico que permite o reconhecimento de um sujeito que é cultural, que é potencial, que é único e ao mesmo tempo plural e que tem uma identidade definida por diversas formas de produção que requer uma escola viva para interagir com suas demandas.

Passeando por este itinerário, descreveremos a segunda aula onde a professora Beta dar continuidade ao trabalho de campo dando um fim pedagógico e cultural ao material anteriormente coletado.

**Aula 2** – 26 de setembro de 2016

**Conteúdos trabalhados:** leitura e escrita de palavras

**Atividades desenvolvidas:** expressão oral, escrita e adição

**Gênero explorado:** painel e problemas matemáticos

**(13h15) P** – Hoje, vamos dar continuidade à aula anterior, com a atividade da colheita das folhas. Vamos construir coletivamente um mural das folhas e vamos escrever os

nomes das árvores a que cada folha pertence. Vocês vão dizendo que fruta cada árvore produz, eu escrevo no quadro, e depois todos escrevem em seus cadernos. Vou iniciar:

Fala da professora	Fala dos alunos
mangueira	manga
cajueiro	caju
oliveira	oliva
goiabeira	goiba
laranjeira	laranja
abacateiro	abacate
jaqueira	jaca

**Figura 1 - Imagem do painel de folhas construído pelos alunos da professora Beta**

**Fonte: Imagem registrada pela autora.**

**15h** (Intervalo)

**15h30 P** – Gente, temos também uma atividade de matemática. Vou escrevê-la no quadro, escrevam no caderno e resolvam em dupla.

Atividade de Matemática

Resolva os seguintes problemas:

**1.** A equipe de A. colheu no caminho 23 folhas de cajueiro. A equipe de G colheu 14 folhas de cajueiro. Já a equipe de GF colheu 65 folhas de cajueiro. Quantas folhas de cajueiro as equipes colheram juntas

**2.** No passeio pelo campo a equipe de JK colheu 4 folhas de goiabeira. A equipe de G colheu 14 folhas de goiabeira. Já a equipe de A colheu 2 folhas de goiabeira. Quantas folhas de goiabeira as equipes colheram juntas

**16h30** (Termina a aula.)

[1] Utilizamos o termo fictício para manter o anonimato da escola.

[2] ( Das crianças fora de faixa etária três, tem dez anos de idade e ainda têm muita dificuldade de ler e escrever e além disso, ainda existe na turma um adulto especial de 31 anos de idade)

[3] Utilizamos P para caracterizar a fala da professora; FIA para caracterizar a fala individual do aluno e FCA para caracterizar a fala coletiva dos alunos.

[4] Utilizamos um nome fictício para preservar o anonimato da professora.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES-ROCHA, et al. Territórios Educativos na educação do campo: escola, comunidade movimentos sociais. Belo horizonte: Gutemberg, 2012.

BRASIL, Caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Caderno 2: A Criança no Ciclo de Alfabetização. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à Gestão Educacional, 2015.

\_\_\_\_\_. Caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Currículo no Ciclo de Alfabetização: Perspectivas para uma Educação do Campo. Unidade 01. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à Gestão Educacional, 2012.

\_\_\_\_\_. Caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: apropriação do sistema de escrita alfabética e consolidação do processo em Alfabetização em escolas do campo: educação do Campo. Unidade 03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à Gestão Educacional, 2012.

\_\_\_\_\_. Caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Caderno 4: A Organização do Trabalho Escolar e os Recursos Didáticos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à Gestão Educacional, 2015.

\_\_\_\_\_. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Alfabetização para o Campo: Respeito aos Diferentes Percursos de Vida: Educação do Campo Unidade 07. Brasília: MEC, SEB, 2012.

\_\_\_\_\_. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. O Trabalho com Gêneros Textuais em Turmas Multisseriadas: Educação do Campo. Unidade 05. Brasília: MEC, SEB, 2012.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo. Brasília: MEC, 2002.

CAFIERO, Delaine. Letramento e Leitura: formando leitores críticos. In: BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa. O trabalho com Gêneros textuais em turmas multisseriadas. Caderno 05, 2012, p.36.

CAMPOS, Helena Guimarães. A História e a Formação para a Cidadania nos anos iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Saraiva, 2012.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia, et al. Alfabetização e Letramento na Sala de Aula. Belo Horizonte: Autêntica Editora: CEALE, 2009.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. A multissérie em pauta: para transgredir o paradigma seriado nas escolas do campo. I Encontro de Profissionais de Classes Multisseriadas das Escolas do Campo da Bahia. Salvador, 2009.

MOURA, Terciana Vidal; SANTOS, Fábio Josué Souza de. A pedagogia das classes multisseriadas: uma perspectiva contra-hegemônica às políticas de regulação do trabalho docente. Anais eletrônicos, I Encontro Luso-Brasileiro Sobre Trabalho Docente. Maceió-Alagoas, 02 a 05 de novembro de 2011.

SANTOS, Fábio Josué Souza dos. A política nacional de transporte escolar e a educação do campo no Brasil: algumas questões para o debate. Anais do XX EPENN – MANAUS, 2011.

GHEDIN, Evandro. Educação do campo: epistemologia e prática. São Paulo, Cortez, 2012.

1. A equipe de A. colheu no caminho 23 folhas de cajueiro. A equipe de G colheu 14 folhas de cajueiro. Já a equipe de GF colheu 65 folhas de cajueiro. Quantas folhas de cajueiro as equipes colheram juntas

2. No passeio pelo campo a equipe de JK colheu 4 folhas de goiabeira. A equipe de G colheu 14 folhas de goiabeira. Já a equipe de A colheu 2 folhas de goiabeira. Quantas folhas de goiabeira as equipes colheram juntas

**16h30** (Termina a aula.)

[1] Utilizamos um nome fictício para preservar o anonimato da professora

[1] ( Das crianças fora de faixa etária três, teem dez anos de idade e ainda têm muita dificuldade de ler e escrever e além disso, ainda existe na turma um adulto especial de 31 anos de idade)